Elucidando o Caso de Claretta Petacci

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Pe. Ennio Innocenti

Eludicando o Caso de Claretta Petacci

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Contradições existenciais: o caso Claretta.....5
Carta à sua esposa Rachele Mussolini, 26 de abril de 1945.....11

Aviso

Este livro reúne um dos capítulos de *La Conversione di Benito Mussolini*, do Padre Ennio Innocenti. Ele foi transformado em volume próprio devido à forma como a relação de Mussolini com Claretta tem sido usada para questionar sua conversão.

Contradições existenciais: o caso Claretta

Durante todos os anos 20, Benito, embora tivesse rompido com suas reações juvenis irreligiosas, anticristãs e anticlericais; embora fosse atraído por múltiplos aspectos da vida eclesial, tivesse regularizado sua situação familiar diante da Igreja e tivesse iniciado de forma decidida a obra de conciliação entre Estado e Igreja; embora manifestasse adesões públicas e pessoais ao culto da Divindade e, especificamente, ao próprio culto católico, manteve, no entanto, traços de mentalidade e também comportamentos que contrastavam com a espiritualidade religiosa e com a moral católica.

Não é de se admirar que hábitos desordenados, de mais de vinte anos, tanto mentais quanto práticos, façam sentir sua viscosidade e condicionem também de forma pesada sinceros movimentos de boa vontade. Se o apóstolo Paulo, vinte anos após sua extraordinária conversão, lamentava seu conflito interno entre carne e espírito, não se pode realmente se surpreender a constatar tal contradição em convertidos comuns.

Os italianos, aliás, ficaram justamente desapontados ao saber que o Duce, quase venerado por ter colaborado na restauração do apostolado católico, por ter contribuído para o esplendor do culto e por ter corrigido não poucas e nem pequenas decadências morais da sociedade nacional, se havia enredado em uma relação sexual extraconjugal não ocasional, arrastando-a por anos, justamente enquanto se apresentava, diante do mundo, como porta-voz de uma nova ordem civil restauradora. Esse fato compromete, talvez, de forma radical o processo de conversão espiritual iniciado muito antes e confirmado por tantas decisões sérias?

Antes de tudo, deve-se notar que Benito nunca colocou em questão o dever de servir à família da qual era chefe. Aliás, a própria amante, Clara Petacci, nunca reivindicou outra coisa senão amá-lo, como Vittorio documentou em uma nota publicação. Benito, pouco antes de ser assassinado, confirmou em um escrito[1] a Rachele sua devoção, e a esposa, que havia sofrido com essa injusta distração do marido, não guardou rancor, como o filho Romano veio a assegurar.

Em segundo lugar, deve-se afastar dessa história o lamaçal vulgar que a propaganda adversa (ou a própria fofoca popular) ali depositou, também considerando a personalidade de Clara. A esse respeito, pode ser útil o

1 Está presente no final deste livro.

seguinte testemunho que um insigne eclesiástico enviou por carta[2] ao autor deste livro:

Roma, 20 de fevereiro de 1994

Caro Innocenti,
não me é fácil emitir um julgamento sobre Claretta Petacci, que conheci bastante bem, porque seu pai era médico da minha família e meu. Os Petacci pertenciam à alta burguesia romana e gozavam de todo respeito, também porque, após a unificação da Itália, permaneceram fiéis ao ancien régime, como demonstra o cargo do prof. Petacci, que por vários anos continuou a trabalhar no Vaticano.
Tive oportunidade de conhecer Claretta porque ela era apaixonada por música e ia semanalmente ter aulas de violino com minha cunhada, que estava entre os primeiros violinos da orquestra do Augusteo. Ela também era pintora e realizou uma exposição na galeria que então estava aberta na Piazza Sant'Ignazio.
Admirava sua educação ao lidar com pessoas certamente de nível inferior e sua gentileza em toda ocasião.
Se bem me lembro, foi azarada como noiva, tanto que o pai precisou intervir para que a relação terminasse. Nessa época datam os encontros com o Duce, quando ele se deslocava a Ostia e Claretta o esperava tentando chamar sua atenção, o que, infelizmente, conseguiu. Morava em uma pequena vila que margeava o limite da Villa Chigi e, algumas vezes, nessa vila, me convidou para ler suas poesias de tom pascoliano.
Tenho a impressão de que tudo nela era autêntico: a simplicidade, a educação, a poesia e a música. E devia ser autêntico, e não vaidoso, o sentimento que a levou a deixar-se fuzilar ao lado do homem que amava. É uma moça que sempre me inspirou grande respeito e que recordo com prazer.

Caros cumprimentos, Ennio Francia[3]

Em terceiro lugar, é oportuno calibrar a história com várias distinções. Antes de tudo, esse relacionamento não foi sempre pecaminoso. Claretta se apaixonou por Mussolini na adolescência. O primeiro encontro aconteceu casualmente em 1932 e, por quatro anos, manteve-se um relacionamento meramente sentimental (moralmente, talvez, não louvável, mas também

2 No arquivo Ennio Innocenti.
3 Monsenhor Ennio Francia, Auditor Geral da Câmara Apostólica, Decano do Capítulo da Patriarcal Basílica de São Pedro no Vaticano.

não passível de severa condenação, pelo menos do ponto de vista subjetivo). É verdade que, a partir de 1936 (Claretta casou-se com plena autonomia em 1934 e viu-se obrigada a se separar em 1935), o relacionamento se complicou de forma substancial, mas ele estava destinado a não durar, seja por motivos íntimos (que foram confiados por Claretta e, talvez um dia, também nesse campo tão delicado, alguém lance um olhar mais rigoroso do que já foi feito), seja por causa da tragédia nacional que, após as euforias de 1940, absorvia e deprimia o ânimo de Mussolini, com dolorosas consequências também físicas (e isso já foi honestamente observado).

Devem ser destacados quatro fatos comprovados:

I. Em 1º de setembro de 1940, Claretta esteve em perigo de morte; Benito rezou por ela; ao recuperar-se, encontrou o amante profundamente mudado e deprimido;

II. Em 7 de agosto de 1941, Bruno Mussolini faleceu: Claretta registrou uma repercussão muito forte no ânimo de Benito, cada vez mais frio;

III. Em 1942, Mussolini inflou um conflito com Marcello Petacci; Claretta teve a impressão de que o relacionamento com Mussolini havia acabado, que, por sua vez, registrou um verdadeiro colapso de sua saúde;

IV. Em maio de 1943, Claretta foi clamorosamente rejeitada no Palazzo Venezia, sendo reaceita em 23 de julho para uma despedida que tinha toda a aparência de ser definitiva.

Nesse contexto, não é improvável que algum dos eclesiásticos amigos tenha exercido uma discreta intervenção pastoral.

De qualquer forma, em 1941, Pio XII decidiu fazer saber a Mussolini a necessidade de “virar a página”.

Estamos em condições de apresentar, pela primeira vez, uma versão segura dos fatos relativos a essa intervenção (mesmo que apenas os historiadores futuros possam revelar a fonte insuspeitada).

O Papa aguardou a ocasião adequada: ao bispo de Trípoli, de fato, o franciscano menor Vittorino Facchinetti, como já mencionado, notório amigo de Mussolini, havia sido marcada audiência pontifícia em outubro

de 1941. Ao término daquela audiência, o Papa pediu ao zeloso prelado, com grande delicadeza, para, a bem da verdade, persuadir Mussolini a fazer cessar o escândalo do relacionamento com a senhora Petacci:

"Eu irei – concluiu o prelado – e lhe direi: é uma alma que me é muito cara e pela qual rezo sempre."

"Também Nós – confidenciou o Papa – a lembramos sempre em Nossas orações."

Mussolini recebeu Facchinetti no famoso salão do Palazzo Venezia, ouviu, estupefato; qualificou como exagerados os boatos escandalosos, mas prometeu: "De qualquer forma, fique tranquilo: seguirei os seus conselhos. Pode dizer isso ao Santo Padre."

Manteve a promessa, e isso é documentado por esta carta, publicada em 1978 por Duilio Susmel (junto com outros 8.000 documentos inéditos de Mussolini):

Clara,

o sacrifício que pedi ao teu amor, mais do que à tua sensibilidade e obediência, pode ser e é grande; mas volto a repetir-te que isso é necessário para esclarecer tudo e recolocar pessoas, coisas e acontecimentos sob uma luz serena. Volto a dizer-te que um dia — em breve, creio eu — me agradecerás por isso e ficarás satisfeita com esse eclipse de um hábito que te era e me era caro. Suplico-te que não vejas no que acontece nada diferente daquilo que o meu coração te disse. Descansa e cura-te. Os meus nervos precisam de tranquilidade, e os teus também. Quando o horizonte estiver livre de nuvens, verás brilhar nele uma chama que não se apaga e que estas cartas significam: A.T.D.B[4].

Mas convencer uma mulher apaixonada a "cortar" não é nada fácil, e por isso não surpreende que os dois tenham se revisto depois, mesmo em intimidade (o autor deste livro tem a certeza de que o relacionamento já se havia substancialmente esfriado, mas não se considera — por enquanto — autorizado a revelar suas bases).

Após a libertação de Benito Mussolini do Gran Sasso, Claretta foi levada — peça ignorante de intrigas superiores — para as proximidades da residência do Duce e alojou-se primeiro na Villa Fiordaliso e depois (provavelmente também para tranquilizar Rachele) na Villa Mirabella,

4 A.T.D.B. é a sigla (autêntica) que funciona como assinatura e significa "a te da Ben".

dentro do Vittoriale, hóspede, junto com os seus, da antiga herdeira de D'Annunzio (sempre sob controle alemão).

Mussolini a via? Sim.

As testemunhas relatam assim: "Algumas vezes, ao anoitecer, chegava Mussolini... Ele a olhava com ternura, estendia a mão, dizia-lhe: 'Boa noite, senhora'. Depois, com ela ao lado, dirigia-se ao salão, onde a princesa o recebia sempre com um 'Bem-vindo, Duce'. Às vezes, mas raramente, Mussolini pedia um copo de água. Outras vezes, permanecia para o jantar. Mas dizer jantar é exagero. Tanto a princesa quanto Mussolini comiam como passarinhos. Somente a senhorita Claretta parecia ter apetite. Serviam-se sopinhas, legumes cozidos, um pouco de queijo, frutas. Depois de algum tempo, Mussolini se despedia, Claretta o acompanhava até a porta e ele alcançava a escolta a largos passos. Não me lembro de tê-lo ouvido tratar a senhorita de maneira íntima"[5].

Como se verá ao longo do livro, durante esse período o relacionamento entre os dois esfriou ainda mais devido a complicações familiares e a comportamentos prejudiciais de Claretta, seguidos por decisões traumáticas de Mussolini.

No início de 1945, foi preparado o expatriamento de todos os Petacci, mas Claretta não se mostrou dócil e, quando chegaram os dias finais, contra a vontade de Mussolini, foi para Milão e insistiu em segui-lo para Como.

Mussolini foi preso separadamente de Claretta; foram os inimigos que reuniram os dois, exaustos, na casa De Maria, em Borzanigo, das 4h15 às cerca de 13h do dia 28 de abril de 1945, de onde foram levados e mortos pelos fiduciários de Togliatti'si.

A intencionalidade do inimigo é confirmada pelo fato de que o escabroso tratamento dos cadáveres de Benito e Claretta em Milão ocorreu sob os olhos dos representantes oficiais do ... Comitê de Libertação Nacional.

Em conclusão: por mais deplorável que seja, o relacionamento de Benito com Clara não compromete de modo algum o processo de conversão certamente já iniciado, mas, como se dirá, de fato retomado e aprofundado

5 Cf. a revista "Gente", n. 25, de 18 de junho de 1982.

justamente após a interrupção desse relacionamento, solicitada por Pio XII.

Carta à sua esposa Rachele Mussolini, 26 de abril de 1945

Como, 27 de abril de 1945

Querida Rachele,

Estou na última fase da minha vida, na última página do meu livro. Nós dois talvez nunca nos encontremos novamente, e é por isso que estou escrevendo e enviando esta carta. Peço teu perdão por todo o mal que, involuntariamente, te causei. Mas sabes que és a única mulher que eu realmente amei. Juro isso diante de Deus, juro isso diante de nosso Bruno neste momento supremo.

Sabes que devemos ir para a Valtelina. Leva as crianças contigo e tenta chegar à fronteira suíça. Lá, poderás construir uma nova vida. Não creio que se recusem a deixá-los entrar, pois sempre fui útil a eles e tu nada tiveste a ver com política. Caso se recusem, entrega-te aos Aliados, que talvez sejam mais generosos do que os italianos. Cuida de Anna e Romano, especialmente de Anna, que tanto precisa disso. Sabes o quanto os amo. Bruno, no céu, ajudará você. Meu amor mais profundo a ti e às crianças.

Teu, BENITO